A classe média vai à escola pública

Israel Tabak

Ane Frank, Gabriela Mistral, George Pfisterer. Estas escolas não estão entre as mais badaladas da Zona Sul, mas vêm sendo muito procuradas pela classe média. A localização ajuda — o prédio bem cuidado da Gabriela Mistral, por exemplo, fica debruçado sobre a Praia Vermelha — mas o motivo principal desse súbito interesse é outro: assim como algumas outras, em demanda ascendente, estas escolas são públicas e, portanto, nada custam ao bolso dos pais.

Desde que o Plano Bresser permitiu variações automáticas nas mensalidades da rede particular, as escolas públicas têm registrado um aumento significativo de pedidos de transferência. Mas o interesse é seletivo: toda vez que o bolso aperta, a classe média costuma fugir sempre para as mesmas escolas públicas, que formam uma reduzida lista alternativa.

A Secretaria municipal de Educação não se furta a fornecer uma relação das escolas que costumam ser requisitadas pela classe média em tempos difíceis. Fazem parte da lista as escolas Estácio de Sá (dentro do Forte São João, na Urca), Gian Mormoz, no Méier, Laudímia Trotta (Rua Antônio Basílio, Tijuca), sem falar nas que ficam dentro dos condomínios da Barra: Albert Einstein (Novo Leblon), Golda Meir (Riviera dei Fiori) Repúbli-

ca da Colômbia (Barramares) e Frederico Trotta (Barrasul).

A Ane Franck fica dentro dos jardins do Palácio Guanabara. Talvez por isso leve a fama de ser a *escola do governador*, seja ele quem for, e portanto *protegida*, em relação às demais: "Antes, a entrada era por dentro dos jardins do Palácio, o que talvez reforçasse esta crença", analisa a diretora adjunta Maria Isabel Neves de Melo.

Com seu chicles de bola, tênis tipo All Star, e total descontração, a loura Carla Cristina Mota, 15, é o protótipo da *gatinha* classe média de Laranjeiras. Embora seja filha de comerciante e more na tradicional Pereira da Silva, sempre estudou na Ana Frank: "Só vou sair porque estou na 8ª série. Sempre adorei a escola. O pessoal acha que colégio público é *barra pesada*. Mas não é nada disso. Os professores, os colegas, todos são *superlegais*".

Ao lado de filhos de comerciantes e profissionais liberais convivem sem problemas na Ana Frank os filhos dos favelados de Santa Marta, Guararapes, dos porteiros e de empregadas de edifícios próximos, segundo asseguraram os professores. E esta convivência, além da mensalidade cara da rede particular, é justamente um dos motivos que leva a classe média a optar, muitas vezes, pelo ensino público. Os pais alegam que querem ver seus filhos integrando um meio social real, com seus contrastes

e graduações, e não um mundo fictício, elitista e protegido.

Para a Escola Ana Frank tem ocorrido pais de alunos de escolas tradicionais próximas, como o Liceu Franco-Brasileiro e o Ginásio Laranjeiras, entre outros. Assim como para o jardim de infância Gabriela Mistral fogem os que já não agüentam mais os preços das creches e jardins de infância da Avenida Pasteur e adjacências.

Adriane, 15, filha de Carmelene Pereira, foi quem convenceu a mãe a tirá-la do Notre Dame e matriculá-la na Escola Cícero Pena, na Avenida Atlântica. Carmelene, casada com um advogado, estava em dificuldades para manter seus três filhos num colégio particular. Penalizada com a situação dos pais, disse que preferia ser transferida para uma escola pública. Já Sani Lopes de Oliveira não gostou de sair da Escola Senador Correia, que só tem primeiro grau. Na hora de escolher uma nova, de segundo grau, sua mãe, Nilce Lopes Oliveira, preferiu inscrevê-la no concurso do ginásio estadual Infante Dom Henrique, no Lido: "Acho importante, para a sua formação, que ela participe do ambiente de uma escola pública".

Na escola pública George Pfisterer, na Gávea, a diretora Ismênia Martins Correia revela que 10 crianças foram transferidas recentemente de educandários tradicionais da Zona Sul.

Carla Cristina Mota, exceção que sempre estudou na Ana Frank